

DIAGNÓSTICO PRECOCE DE TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: QUAL A IMPORTÂNCIA PARA O PROGNÓSTICO

EARLY DIAGNOSIS OF AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: HOW IMPORTANT IS IT FOR THE PROGNOSIS

¹TEIXEIRA, Rafaela Barcelar; ²VILAS BOAS, Ana Elisa

^{1e2}Departamento de Psicologia – Centro Universitário das
Faculdades Integradas de Ourinhos-Unifio/FEMM

RESUMO

Os estudos acerca do Transtorno do Espectro do Autismo têm experimentado um notável aumento nas últimas décadas, impulsionado pelo crescimento substancial de casos relatados. Esse fenômeno desperta um interesse crescente na comunidade científica, que busca constantes atualizações nas descrições e critérios diagnósticos do transtorno. Este trabalho tem como objetivo explorar os benefícios associados ao diagnóstico precoce do TEA, destacando sua importância para o prognóstico. Além disso, pretende abordar as implicações do diagnóstico tardio, identificar as principais dificuldades enfrentadas por esse grupo e compreender o funcionamento de adultos autistas no nível 1 e suas interações, por meio de uma revisão de literatura. A presente pesquisa ressalta a significativa relevância da intervenção precoce no manejo do Transtorno do Espectro Autista, pois essa abordagem está intimamente relacionada a prognósticos mais favoráveis. As análises indicaram que, ao iniciar o tratamento antes dos 2 anos de idade, observa-se um avanço mais expressivo no desenvolvimento da criança em comparação com aqueles que começaram mais tardiamente.

Palavras-chave: Autismo; Diagnóstico Precoce; Comportamento

ABSTRACT

Studies on Autism Spectrum Disorder have experienced a notable increase in recent decades, driven by the substantial growth in reported cases. This phenomenon arouses growing interest in the scientific community, which seeks constant updates in the descriptions and diagnostic criteria of the disorder. This work aims to explore the benefits associated with early diagnosis of ASD, highlighting its importance for prognosis. Furthermore, it aims to address the implications of late diagnosis, identify the main difficulties faced by this group and understand the functioning of autistic adults at level 1 and their interactions, through a literature review. The present research highlights the significant relevance of early intervention in the management of Autism Spectrum Disorder, as this approach is closely related to more favorable prognoses. The analyzes indicated that, when starting treatment before 2 years of age, there is a more significant advance in the child's development compared to those who started later.

Keywords: Autism; Early Diagnosis; Behavior

INTRODUÇÃO

De acordo com o DSM 5 - TR (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) o Autismo ou TEA (Transtorno do Espectro Autista) é um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, precisa necessariamente ocorrer ainda na infância, caracterizado por desenvolvimento atípico, prejuízos persistentes na comunicação e na interação social e padrões de comportamentos repetitivos e

estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. E é subdividido em níveis:

- Nível 1 – Exigindo apoio
- Nível 2 – Exigindo apoio substancial
- Nível 3 – Exigindo apoio muito substancial

No presente trabalho será utilizada a classificação do DSM 5 - TR e abordado apenas o nível 1 de apoio, que segundo o DSM 5 - TR apresenta as seguintes características:

Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cujas tentativas de fazer amizades são estranhas e comumente mal sucedidas. Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência. (DSM 5 - TR, tabela 2, pág. 58, 2023).

O Manual esclarece que os adultos têm a capacidade de desenvolver estratégias compensatórias para enfrentar desafios sociais. No entanto, ainda podem encontrar dificuldades em situações novas ou sem apoio, o que pode resultar em sofrimento, esforço e ansiedade ao tentar calcular conscientemente o que é socialmente intuitivo para a maioria das pessoas. No caso de adultos com habilidades linguísticas fluentes, o DSM 5 - TR ilustra que a dificuldade em coordenar a comunicação não verbal com a fala pode levar a uma impressão de linguagem corporal estranha, rígida ou exagerada durante as interações. O impacto desse desafio pode ser sutil em algumas áreas, mas torna-se perceptível na falta de integração satisfatória entre contato visual, gestos, postura corporal, prosódia e expressão facial no contexto da comunicação social (DSM 5 - TR, 2023).

É notório na literatura científica um aumento nas ocorrências de TEA. Não se sabe com exatidão a razão desse aumento, porém, acredita-se que se dá pela sensibilidade dos instrumentos avaliativos, melhor qualificação dos profissionais, além do aumento de informações sobre o transtorno.

Schmidt (2017) salienta que em adultos há uma pobreza enorme na vida social, independente e educacional, assim como nas relações de trabalho, isso somado ao fato de o transtorno, por ser uma condição da infância, despertar maior

interesse em estudos nesse público, deixando de lado o público adulto, que muitas vezes passa a vida sem ter diagnóstico, ou sem ter políticas públicas para melhora na qualidade de vida.

Por essa perspectiva observa-se a importância de estudar sobre o prognóstico quando acontece um diagnóstico tardio e o quão é importante na vida da pessoa essa descoberta.

Os estudos sobre o autismo começaram há muitos anos e foram avançando conforme cresceram as pesquisas na área. As primeiras publicações existentes sobre o tema foram de Leo Kanner (1943) e Hans Asperger (1944). Rincón-Rufo *et al.* (2022) comentam que possivelmente o primeiro caso descrito de uma criança com características autísticas é datado do século XVI, por Johannes Mathesius (1504 – 1565) que escreveu a história de um menino de 12 anos com sintomas graves que se assemelhavam ao autismo.

Em 1943, Leo Kanner publicou o primeiro estudo mais aprofundado sobre o tema, com a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo”, sendo pioneiro em realizar as primeiras investigações sobre o autismo. De acordo com ele, o transtorno era uma incapacidade de estabelecer laços sociais. Depois de Kanner, foi a vez de Hans Asperger (1906-1980) escrever sobre o tema, em 1944, com a publicação do artigo “A psicopatia autista na infância” estudando quatro jovens. Neste momento, Hans ainda não havia tido acesso ao estudo de Kanner e, coincidentemente, também nomeou os sintomas como sendo parte do autismo.

Em 2013, com o lançamento do novo DSM-5 no Brasil, todas as subcategorias de autismo passam a agrupar em apenas um diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista, considerado um transtorno do neurodesenvolvimento, apresentando 3 níveis de gravidade.

A ciência ainda não descobriu a etiologia do transtorno, mas já se sabe que existem muitos genes envolvidos na aparição do TEA, sendo um transtorno grande parte de origem genética: “Os estudos da herdabilidade genética do TEA variam de 40% a 90%, com as estimativas mais recentes em quase 50% de responsabilidade genética. A contribuição genética para o TEA ocorre por meio de um grupo diversificado de mecanismos mutacionais ao longo de muitas vias biológicas.” (SANCHACK, THOMAS, 2016, p. 972), além de outros fatores de risco biopsicossociais como a idade avançada dos pais, prematuridade, complicações no parto, entre outros.

Os estudos demonstram que é possível obter avanços substanciais por meio de intervenção comportamental intensiva iniciada antes dos 24 meses de idade, uma vez que a plasticidade neural nessa fase é maior e os comportamentos desafiadores são menos predominantes. É crucial que a intervenção precoce efetiva seja iniciada logo após o diagnóstico, sendo individualizada, intensiva e abrangente, isso inclui a educação dos pais e intervenção comportamental. (ZACHOR, 2012).

Sanchack e Thomas (2016) explicam que o número crescente de evidências aponta que a intervenção comportamental intensiva precoce, utilizando a Análise do Comportamento Aplicada (ABA), tem o potencial de melhorar a capacidade cognitiva, a linguagem e as habilidades adaptativas. O prognóstico é significativamente influenciado pela gravidade do diagnóstico e pela presença de deficiência intelectual. Crianças que alcançam resultados mais positivos tendem a receber intervenções comportamentais mais precoces e intensivas, reduzindo a necessidade de tratamento farmacológico.

O benefício do diagnóstico precoce de TEA se deve à aplicação de intervenções direcionadas ao TEA durante os primeiros períodos de desenvolvimento, onde a plasticidade cerebral e a flexibilidade comportamental estão no auge. Períodos iniciais de desenvolvimento com extensa exploração, flexibilidade comportamental e notável capacidade de aprendizado são seguidos de maturação, que reduz a plasticidade e a flexibilidade para solidificar o conhecimento. (GABBAY-DIZDAR *et al.*, 2022).

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos estabelecidos, conduziu-se uma pesquisa qualitativa baseada em uma revisão bibliográfica. A fundamentação teórica se baseou em revistas científicas, livros impressos e artigos científicos disponíveis em bases de dados como Scielo, Pubmed e Cochrane Library. Utilizou-se materiais nas línguas portuguesa, espanhola, inglesa e alemã. Ao analisar cada fonte, investigou-se o impacto do diagnóstico precoce do autismo e como isso afeta o prognóstico.

DESENVOLVIMENTO

Com a presente pesquisa foi possível observar a importância da intervenção precoce no tratamento do transtorno do espectro autista, uma vez que está intrinsecamente ligada ao bom prognóstico. Os estudos apontaram que quando o tratamento se inicia antes dos 2 anos a evolução observada no desenvolvimento da criança é maior com relação àqueles que iniciaram mais tarde.

Segundo Zachor (2012), a avaliação confiável do Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser realizada durante o segundo ano de vida e tende a permanecer consistente ao longo do tempo. Contudo, identificar o autismo em crianças muito pequenas pode ser desafiador devido à diversidade clínica e à variedade de padrões de manifestação, os quais podem não se alinhar de maneira consistente com os sintomas típicos observados em crianças mais velhas com autismo.

Na análise de estudos conduzida por Sanchack e Thomas (2016), constatou-se que crianças que alcançaram resultados ótimos, alcançando uma função cognitiva normal, foram encaminhadas mais precocemente e receberam intervenções mais intensivas, incluindo mais terapia de análise comportamental e menos intervenções farmacológicas.

Um estudo realizado por GABBAY-DIZDAR *et al.* (2022) quantificou as mudanças longitudinais nos principais sintomas do transtorno do espectro autista de 131 crianças diagnosticadas entre 1, 2, e 5 anos de idade, usando o Autism Diagnostic Observation Schedule-Second Edition Calibrated Severity Scores durante um período de 1 a 2 anos. Foi examinado a prevalência e magnitude das alterações nos escores de gravidade calibrados em crianças diagnosticadas em diferentes idades. Os resultados revelaram que a idade do diagnóstico foi significativamente correlacionada com pior resultado:

Aproximadamente 65% das crianças diagnosticadas antes dos 2,5 anos de idade exibiram melhorias no Esquema de Observação de Diagnóstico de Autismo–Segunda Edição Calibrated Severity Scores (≥ 2 pontos) em contraste com apenas 23% das crianças diagnosticadas após esta idade. As mudanças nas crianças mais novas foram impulsionadas por melhorias nos sintomas sociais, apesar da deterioração dos comportamentos restritos e repetitivos. Esses achados revelam que o diagnóstico do transtorno do espectro do autismo antes dos 2,5 anos de idade está associado a uma melhora considerável nos sintomas sociais. Sugerimos que uma maior plasticidade cerebral e flexibilidade comportamental permitem que crianças mais novas se beneficiem mais das intervenções

no transtorno do espectro do autismo, mesmo em ambientes comunitários com serviços heterogêneos. (GABBAY-DIZDAR *et al.*, 2022.).

A pesquisa chegou à conclusão de que crianças diagnosticadas antes dos 2,5 anos de idade tinham uma probabilidade quase três vezes maior de experimentar uma redução significativa na gravidade dos sintomas sociais em comparação com aquelas diagnosticadas em idades mais avançadas. Esses achados foram consistentes tanto para meninos quanto para meninas, sugerindo que ambos os sexos se beneficiam de maneira similar com o diagnóstico precoce.

A fase da infância representa o período de maior plasticidade neural, cuja intensidade diminui à medida que a pessoa cresce ou envelhece. Nesse contexto, o comportamento infantil pode ser mais facilmente modificado por meio da exposição a estímulos ambientais específicos. Isso destaca a importância dos benefícios associados à intervenção precoce, especialmente em condições como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), dificuldades de aprendizagem, e desafios na socialização, entre outros, conforme apontado por De Marco *et al.* (2021).

Nota-se a importância da intervenção precoce para um bom prognóstico do TEA ao passar do tempo, pois há uma janela de desenvolvimento importante nos primeiros anos de vida que não são recuperadas mais tarde.

Ao contrário daqueles que recebem diagnósticos na infância, algumas pessoas só são identificadas mais tarde na vida e podem passar despercebidas por muitos anos. Isso ocorre, em parte, devido às estratégias que aprenderam para camuflar suas dificuldades sociais. Indivíduos que recebem um diagnóstico tardio enfrentam desafios adicionais em sua saúde mental, potencialmente relacionados ao estresse prolongado de se adaptar à vida cotidiana na sociedade. (LAI *et al.*, 2017).

Lehnhardt *et al.* (2013) argumenta que, devido ao crescente interesse no Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), os desafios persistentes de adaptação social, os comportamentos peculiares e os interesses considerados "inusitados" por essas pessoas estão cada vez mais sendo identificados como indicativos de traços autistas, tanto pelos próprios indivíduos afetados, quanto por suas famílias, médicos e terapeutas. Consequentemente, profissionais como psiquiatras, neurologistas e clínicos gerais em cuidados primários estão agora sendo mais

frequentemente chamados a avaliar se um paciente pode estar sofrendo de um TEA que ainda não foi reconhecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro momento a proposta de pesquisa seria encontrar as implicações do não diagnóstico precoce para a vida do adulto autista, no entanto, encontrou-se grande dificuldade na pesquisa de materiais bibliográficos com o tema, de pesquisas robustas e científicas. Por isso decidiu-se focar no diagnóstico precoce e efeitos dele no prognóstico.

Observou-se a necessidade de mais pesquisas e estudos que abordem o prognóstico do TEA para a vida de adultos, suas relações sociais e implicações na sua saúde mental, uma vez que é grande a incidência de outros transtornos mentais como comorbidades associadas ao autismo.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5.ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

DE MARCO, R. L.; DANIEL, M. B. N.; CALVO, E. N.; ARALDI, B. L. **TEA e neuroplasticidade: Identificação e Intervenção precoce**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.11, p. 104534-104552 nov. 2021. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/39415>>.

GABBAY-DIZDAR, N.; ILAN, M.; MEIRI, G.; FAROY, M.; MICHAELOVSKI, A.; FLUSSER, H.; MENASHE, I.; KOLLER, J.; ZACHOR, D. A.; DINSTEIN, I. Early diagnosis of autism in the community is associated with marked improvement in social symptoms within 1-2 years. **Autism**. v. 26, n. 6, p.1353-1363, 2022. doi: 10.1177/13623613211049011. Epub 2021 Oct 8. PMID: 34623179; PMCID: PMC9340129. Disponível em: < <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34623179/>>.

LAI, M. C. et al. **Quantificando e explorando a camuflagem em homens e mulheres com autismo**. Autismo, 21 (6), 690-702, 2017. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1362361316671012>>.

LEHNHARDT, F.G. et al. **The Investigation and Differential Diagnosis of Asperger Syndrome in Adults**. Dtsch Arztebl Int. 8 nov 2013; 110(45):755-63. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3849991/>>. RINCÓN-RUFO, D. et al. Prediction of Communicative Disorders Linked to Autistic Spectrum Disorder Based on Early Psychomotor Analysis. **Children**, Madri, v. 9, p. 397, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/children9030397>>.

SANCHACK, K. E., THOMAS, C. A. Autism Spectrum Disorder: Primary Care Principles. **Am Fam Physician**. v. 94, n. 12, p. 972-980, 2016. Disponível em: <<https://www.aafp.org/pubs/afp/issues/2016/1215/p972.html>>.

SCHMIDT, C. Transtorno do Espectro Autista: Onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22 n. 2, p. 221 – 230, 2017.

ZACHOR, D. A. Autism spectrum disorders: a syndrome on the rise: risk factors and advances in early detection and intervention. **Harefuah**. V. 151, n. 3, p.162-164, 2012. Disponível em: < <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/22519265/>>.